

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA LUIZA SALLES

**REVISTA LINGUAGEM**

**A comunicação de ideias das mais diversas formas**

Curitiba

2021

ANA LUIZA SALLES

**REVISTA LINGUAGEM**

**A comunicação de ideias das mais diversas formas**

Trabalho de Conclusão II apresentado ao curso de Bacharelado em Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Valquíria John

Curitiba

2021

## RESUMO

O jornalismo científico visa a publicação de notícias e reportagens sobre inovações e descobertas no mundo da ciência, enquanto o jornalismo cultural busca ampliar o acesso à cultura e a divulgação cultural. O jornalismo de revista possibilita a mistura de ambos, e a Revista Linguagem e Tradução foi criada tendo isso como base. Ela tem como objetivo divulgar o trabalho dos tradutores e propor discussões sobre temas que giram em torno da tradução. O produto final é composto por sete reportagens, um perfil, uma entrevista e uma coluna de opinião, e todos tratam da tradução nas suas mais diversas formas. A Revista Linguagem e Tradução propõe ainda uma conversa entre a produção acadêmica e a divulgação científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo científico; jornalismo cultural; revista; tradução; divulgação científica.

## LISTA DE IMAGENS E QUADRO

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: capa da revista                                    | 23 |
| Quadro 1: fontes ouvidas para a produção das pautas          | 24 |
| Figura 2: música traduzida                                   | 26 |
| Figura 3: capa da revista Cadernos de Tradução               | 27 |
| Figura 4: capa da revista Caleidoscópio                      | 27 |
| Figura 5: capa da revista Nota do Tradutor                   | 28 |
| Figura 6: capa da revista Tradução em Revista                | 29 |
| Figura 7: capa da revista Translatio                         | 29 |
| Figura 8: capa da revista Cadernos de Literatura em Tradução | 30 |
| Figura 9: capa da revista Transversal                        | 30 |
| Figura 10: capa da revista Confluências                      | 31 |
| Figura 11: capa da revista Ponto Virgulina                   | 31 |
| Figura 12: capa da revista Tradução e Comunicação            | 32 |
| Figura 13: capa da revista Cultura e Tradução                | 32 |

## SUMÁRIO

|   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>   | <b>5</b>                             |
| <b>2 JUSTIFICATIVA</b>  | <b>7</b>                             |
| <b>3 OBJETIVOS</b>  | <b>9</b>                             |
| 3.1 GERAL   | 9                                    |
| 3.2 ESPECÍFICOS   | 9                                    |
| <b>4 REFERENCIAL TEÓRICO</b>  | <b>10</b>                            |
| 4.1 TRADUÇÃO: LITERAL OU DINÂMICA?                                  | 10                                   |
| 4.2 TRANSCRIÇÃO   | 11                                   |
| <b>4.2.1 Libras, Braille, transcrição e tradução intersemiótica</b> | <b>12</b>                            |
| 4.3 UM DIÁLOGO ENTRE JORNALISMO CIENTÍFICO E CULTURAL               | 13                                   |
| 4.4 EM ALTA   | 15                                   |
| <b>5 PROCEDIMENTOS</b>  | <b>18</b>                            |
| 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE ESCOLHIDA                          | 18                                   |
| 5.2 PROPOSTA DO PRODUTO   | 22                                   |
| 5.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO – O PILOTO AQUI APRESENTADO                | <b>23</b>                            |
| 5.3 PROPOSTAS SEMELHANTES   | 26                                   |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                       | <b>33</b>                            |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                                   | <b>34</b>                            |
| <b>APÊNDICES</b>  | <b>Error! Bookmark not defined.6</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Se pesquisarmos no dicionário, a palavra “linguagem” possui o seguinte significado: *linguística* - qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. Ou seja, é a forma pela qual se comunica algo de um emissor para um receptor. Da mesma forma, procurando por “tradução”, encontramos: “versão de uma língua para outra; transposição de uma mensagem de uma forma gráfica para outra”. Quem dera fosse simples assim.

Não há consenso dentro do campo de atuação dos tradutores se a tradução deve ser literal, somente passar algo de uma língua para a outra, ou dinâmica, considerando o contexto do leitor, mas sabe-se que ela trata de uma equivalência entre texto original e texto final (RODRIGUES, 2000, p.11).

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como finalidade a produção de uma revista impressa, com versão online. A revista tem o nome de Linguagem, sendo que o produto desenvolvido é a edição piloto da revista, intitulada Linguagem e Tradução, em que o tema central é a tradução, não somente no sentido de transformar algo de uma língua para a outra. A intenção é desmistificar e observar a tradução no meio artístico - onde surge o conceito de transcrição -, no meio jornalístico, na produção de conteúdo inclusivo, seja em Braille ou Libras, entre outros meios.

Foram incluídas no trabalho reportagens e outros tipos de conteúdo (perfil, *box* informativo) sobre as seguintes temáticas: transcrição, a tradução de músicas e poemas para outra língua; tradução da linguagem acadêmica para uma linguagem mais acessível aos estudantes; tradução de conteúdo para Libras e Braille; tradução social, ou a tradução direcionada para imigrantes, facilitando seu acesso a documentos, serviços de saúde, segurança; entre outros temas.

Foram entrevistados, ao longo da produção da revista, profissionais atuantes nas áreas citadas anteriormente, assim como pessoas que vivenciam o impacto dessas áreas em seu cotidiano, como pessoas surdas e cegas, artistas, entre outros.

A Revista Linguagem surge a partir da noção de que certas discussões devem sair do ambiente acadêmico ou profissional, podendo ser levadas para o público em

geral de uma maneira simplificada e atraente de se ler. Cada edição trará uma temática diferente, tendo como ponto central a linguagem em suas diversas concepções, e terá uma periodicidade trimestral, levando em conta o tamanho da equipe e a complexidade da produção de cada exemplar.

Uma sugestão de próxima edição dessa revista traria o título “Linguagem e perspectiva”, e poderia trazer reportagens com temas como: a história e como o modo de vê-la podem alterá-la completamente (por exemplo: observar uma guerra do ponto de vista do país vencedor e, posteriormente, do país derrotado); o olhar das pessoas com deficiência sobre o conteúdo inclusivo; os estudos de recepção e como cada perspectiva individual pode ressignificar um determinado conteúdo de diferentes formas.

A proposta editorial é uma mescla entre uma revista acadêmica e uma revista jornalística, buscando atingir tanto o público que conhece mais sobre o tema quanto aquele que é leigo. Tem como referência, portanto, tanto aspectos do jornalismo científico (nesse caso ligado mais enfaticamente às Ciências Humanas e Sociais) quanto do jornalismo cultural.

## 2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema partiu de um interesse pessoal pelo universo da tradução, assim como pelas temáticas a serem abordadas nas reportagens dentro da revista. Há também interesse em divulgar o trabalho dos profissionais envolvidos na tradução de conteúdos nas mais diversas formas, como artistas, tradutores profissionais, produtores de conteúdo acessível, entre outros.

Essa é também uma oportunidade de levar a discussão sobre tradução e transcrição para fora do ambiente acadêmico, garantindo acesso ao tema por parte de qualquer indivíduo que tenha interesse, e não só pelos especialistas na área. Segundo Bueno (2009), o jornalismo científico brasileiro ainda acaba repercutindo com maior ênfase os avanços dos países desenvolvidos, deixando em segundo plano as contribuições brasileiras, ainda mais as que acontecem fora do eixo Rio - São Paulo. Portanto, uma produção como essa acaba se tornando necessária para levar ao público as novidades na área da tradução no Brasil.

Em relação ao formato do produto, a escolha por uma revista se deve, principalmente, à possibilidade de dividir a produção em reportagens de diferentes tamanhos, assim como adicionar outros recursos visuais e textuais, como *box* e olho, por exemplo. O formato em reportagens permite que o leitor interaja com a revista da forma que preferir de acordo com o tempo que tem, ou seja, pode escolher ler tudo de uma vez, uma reportagem por dia, fora de ordem etc.

A opção por ter um tema central por edição surge de uma vontade de manter o leitor sempre curioso sobre o que a próxima revista tem a oferecer, fazendo assim com que colabore financeiramente para a continuação da revista e adquira o próximo exemplar.

A escolha pelos dois formatos, impresso e online, se deve à acessibilidade do produto digital e a estética do produto impresso. A revista *online*, gratuita, será de fácil acesso e terá um formato adaptado para qualquer aparelho, o que permite que mais leitores interajam com a revista. De acordo com o anuário Mídia Dados Brasil 2020, 70% dos domicílios brasileiros possuem e utilizam a internet, sendo que 97% dos acessos são realizados por meio de um *smartphone*, e quase 42% utilizando um



computador (*notebook* ou *desktop*). Isso será considerado na hora da produção e distribuição da versão *online*.

O formato impresso seria pago, para aqueles que desejam uma cópia física, gostariam de colecionar as edições do produto ou até aqueles que não têm acesso a aparelhos digitais. Ainda segundo o Mídia Dados 2020<sup>1</sup>, cerca de 17% da população consome revistas atualmente, sendo 60% das classes A e B, e 34% da classe C, considerando ambos os modelos impresso e digital. O preço da revista impressa levará em conta as classes predominantes no consumo do produto no país.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://midadados2020.com.br/>

### 3 OBJETIVOS

#### 3.1 GERAL

Apresentar o trabalho dos profissionais da tradução e de outros âmbitos que acabam exercendo o papel de tradutor, de forma a exemplificar como ele acontece em diversas áreas, como a da música, da poesia, da língua de sinais, entre outras.

#### 3.2 ESPECÍFICOS

- Entender como é o processo de tradução de diversos tipos de conteúdo.
- Apresentar os diferentes tipos de tradução, incluindo conteúdo que não é visto como tradução, mas que pode ser considerado como tal após breve análise.
- Ampliar a discussão sobre tradução para fora do ambiente acadêmico, como forma de divulgação científica.
- Exercitar a produção de revista, tanto impressa quanto online.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de falar do produto em si, é importante contextualizar o que se entende por tradução, quais as suas possíveis vertentes, e como ela acontece na prática. Além disso, será introduzido o conceito de transcrição, uma tradução menos literal e mais criativa.

### 4.1 TRADUÇÃO: LITERAL OU DINÂMICA?

Como citado anteriormente, a tradução em seu sentido literal é definida como a passagem de um texto para uma língua diferente da original, mas para os tradutores e pesquisadores da área, o ato de traduzir pode ir muito além disso. Primeiramente, não há um consenso dentro do campo de atuação dos tradutores sobre o que é, resumidamente, traduzir: se deve ser um processo literal ou dinâmico, mas concordam que é um processo de equivalência entre um texto traduzido e seu original.

Rodrigues (2000) traz a visão de vários autores para nos ajudar a entender a diferença entre os dois tipos de equivalência: a equivalência literal ou formal é somente uma correspondência entre as duas línguas envolvidas na tradução, ou seja, se traduz literalmente, palavra por palavra, de uma língua para outra; quanto à equivalência dinâmica, seria uma tradução preocupada com outros fatores, como o contexto do leitor, o contexto do texto original, as características dos personagens (quando houver) do texto original, e por aí vai.

Rodrigues (2000) mostra, resumidamente, a posição de outros autores em relação a essa dicotomia. Autores como Bassnett-McGuire trazem uma perspectiva histórica da tradução e enxergam os dois lados como possíveis, vendo a literalidade como uma forma de aproximação à cultura do texto original e a adaptação do texto para a cultura receptora como um fator que traz naturalidade e fluência ao texto final. Longfellow adota uma posição mais literalista: “a função do tradutor é relatar o que o autor diz, não explicar o que ele quer dizer; esse é o trabalho do comentarista. O que um autor diz e como o diz é que é o problema do tradutor” (RODRIGUES, 2000, p.16).

Eugene A. Nida acredita que a mensagem do texto original deve ser adaptada à cultura do leitor final e, simultaneamente, os traços do texto original devem ser conservados, como o contexto dos personagens descritos, a maneira de escrever do autor etc. A autora Katharina Reiss estabelece uma inter-relação entre as duas perspectivas, enquanto Louis Kelly associa a equivalência formal à literalidade e à servidão, e a equivalência dinâmica à liberdade e opção.

Outro autor que retrata a equivalência dinâmica como uma variedade de opções e escolhas é Jiří Levý (2012). Ele explica que a tradução é um processo que envolve uma constante tomada de decisões: qual palavra deve-se usar como equivalente de uma palavra x entre todas as opções disponíveis? Qual palavra retrata melhor o significado original?

Em alguns casos, traduzir não tem como ser apenas a adaptação de uma língua para a outra, e acaba se tornando um processo de reescrita do texto original. É aí que entra a transcrição.

## 4.2 TRANSCRIÇÃO

A transcrição não é um conceito, mas um processo que se caracteriza pela crítica, criatividade e tradução (GESSNER, 2016, p.144 e p.160). Trata-se de uma re-interpretação e re-criação do conteúdo original, para que faça sentido e possa ser compreendido na língua alvo. Essa classificação surgiu com Haroldo de Campos, devido às limitações da tradução literal, podendo assim ressignificar o papel do tradutor em seu campo de atuação (NASCIMENTO et al, 2017, p.1855).

Um dos casos que exige o uso desse tipo de tradução é a transformação de um produto audiovisual para qualquer língua de sinais. Não se trata apenas de traduzir o discurso de uma língua falada para uma língua de sinais; deve-se considerar que ambas possuem estruturas muito diferentes, e a tradução literal seria impossível e indesejável: “A dimensão oral de um signo linguístico não pode e nem deve ser tratada com equivalência em uma língua gesto-visual e, do contrário, a mesma coisa.” (NASCIMENTO et al, 2017, p.1858).

#### **4.2.1 Libras, Braille, transcrição e tradução intersemiótica**

Alguns processos de tradução envolvem algo além da transcrição. O conteúdo será recriado em outra língua, mas há uma questão semiótica no processo. Jakobson (2007, p. 32) é um dos primeiros autores a definir a tradução para além da transformação de uma língua escrita para a outra. A tradução intersemiótica é aquela em que se traduz algo da língua escrita ou falada para outro signo. No caso da Libras, se utilizam signos visuais: símbolos, gestos e movimentos, que possuem significados atrelado a eles. Para Braille é o mesmo, porém a significação se dá pelo contato físico com os símbolos.

Libras é a segunda língua oficial do Brasil, sendo utilizada principalmente, mas não exclusivamente, pela comunidade surda. Números do Censo Escolar de 2016 registram que o Brasil possui, na educação básica, 21.987 estudantes surdos, 32.121 com deficiência auditiva e 328 alunos com surdocegueira. Dados do IBGE de 2010 apontam ainda que há cerca de 10 milhões de habitantes surdos no Brasil. Portanto, torna-se ainda mais relevante trazer à tona discussões sobre o universo da surdez e da Libras dentro do processo de transcrição e tradução intersemiótica.

Diferente de Libras, o Braille não é uma língua, e sim um sistema de escrita e leitura físico em alto relevo, utilizado principalmente por pessoas cegas. Além da transcrição, podemos perceber que acontece a tradução intersemiótica, já que se transforma o texto escrito utilizando o alfabeto em outro tipo de signo. Essa discussão também é importante, uma vez que cerca de 6,5 milhões de pessoas no Brasil têm algum tipo de deficiência visual severa, e mais de 500 mil delas são totalmente cegas, de acordo com o IBGE.

Os processos de transcrição e de tradução intersemiótica nesses casos são grandes exemplos de democratização e ampliação do acesso à cultura, já que garantem que o público surdo e cego tenha contato com produções que originalmente não poderiam ser consumidas por eles. É uma etapa importante para ambos os públicos enquanto cidadãos.

### 4.3 UM DIÁLOGO ENTRE JORNALISMO CIENTÍFICO E CULTURAL

Segundo Fabíola de Oliveira (2010), a história da divulgação científica acompanha de perto a história da imprensa pelo mundo. Desde o início da imprensa brasileira e com o surgimento da primeira revista no país, já havia uma preocupação em fazer divulgação científica. Esse tipo de publicação era feito apenas em revistas, já que elas apresentavam uma característica fundamental: a de mostrar ao público um conteúdo mais aprofundado e que demanda mais conhecimento para ser entendido pelo leitor (COSTA, 2012, p. 56-58).

Porém, há um tipo de divulgação científica que exige mais especialização do que apenas publicar artigos tal como eles foram produzidos. A categoria denominada jornalismo científico surge em meados do século XVII com o início da circulação de cartas produzidas por cientistas acerca de suas descobertas e inovações. O alemão Henry Oldenburg é quem dá o pontapé inicial, reunindo as cartas com as notícias mais importantes e divulgando para o público, aproveitando a linguagem informal delas e o alcance do texto impresso na época (OLIVEIRA, 2010, p.18-19).

O jornalismo científico mistura a divulgação científica, ou seja, apresentar ao público leigo informações, descobertas, pesquisas, dados do mundo científico e acadêmico, com as técnicas e regras do jornalismo tradicional. Fabíola de Oliveira (2010) elenca algumas características desse tipo de jornalismo: atingir o grande público, uso de linguagem coloquial, simples, objetiva e atraente, uso de metalinguagem, entre outras. Ela o descreve ainda como “jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade” (p. 43). Por fim, a pesquisadora ressalta que o jornalista deve, já de início, ter “familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica, conhecimentos de história da ciência, de política científica e tecnológica, atualização constante sobre os avanços da ciência e contato permanente com as fontes, a chamada comunidade científica” (p. 43-44).

Os anos de 2020 e 2021 evidenciaram a importância desse tipo de jornalismo com a pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2). De todos os lados, surgiram reportagens, grandes reportagens e outros materiais sobre pesquisas relacionadas ao Coronavírus: resultados de pesquisas sobre vacinas, descobertas sobre o vírus,

suposições do meio científico sobre seu surgimento, diversos tópicos que ficariam restritos aos profissionais dos diversos campos envolvidos se não fosse o jornalismo científico para divulgar esses dados de forma compreensível e fácil de entender para o grande público não especializado.

Oliveira (2010) explica que o jornalismo científico não trata apenas de assuntos de ciência e tecnologia, mas pode ser aplicado em qualquer área de interesse do jornalismo, utilizando o conhecimento científico como base. “Se há uma enchente, por exemplo, [...] o jornalista pode conversar com meteorologistas para entender o fenômeno natural” (p. 47).

Wilson da Costa Bueno (2007) afirma que há incompreensões entre os pesquisadores e os jornalistas que realizam a divulgação científica, e que elas podem ser amenizadas se ambos os profissionais tiverem o mesmo objetivo: "a alfabetização científica e a democratização do conhecimento" (p. 01).

O autor explica ainda que "não é tarefa fácil trazer temas complexos de ciência e tecnologia para o dia-a-dia das pessoas, especialmente quando elas não estão familiarizadas com os conceitos básicos da área, mas isso é possível com esforço, talento e competência" (2007, p. 01).

Da mesma forma que o jornalismo científico, o jornalismo cultural busca trazer de maneira acessível e factual informações sobre o mundo da cultura no Brasil e no mundo. Produções sobre *shows*, artistas, produtos audiovisuais (filmes, séries, vídeos no geral), música, teatro, dança, poesia, arte nas suas mais variadas formas etc. Jornalismo cultural pode ser considerado como o “trabalho jornalístico projetado para cobrir todas as manifestações do conceito amplo, que abrange o período de cultura no cotidiano da vida da sociedade principalmente de arte, teatro, música, cinema e literatura” (ROSE, 2017, p. 04).

Entre as funções do jornalismo cultural, Rose (2017) destaca: fomentar o potencial crítico de qualquer criação para que a sociedade seja capaz de compreender a sua significância, selecionar a informação sem levar em conta opiniões pessoais, contextualizar de forma adequada o fato cultural para que ele tenha notoriedade e desperte interesse da sociedade (p. 07-08).

Faro (2012), na época, já escrevia que o jornalismo cultural era de grande importância e veiculação não só nas bancas de jornais e revistas, mas também no ambiente digital, em sites, blogs, jornais online, redes sociais, entre outros. Porém, o autor defende que o jornalismo cultural não deve ser considerado como um mero acessório dentro de um jornal, mas sim como uma categoria de jornalismo completa e independente.

A produção da Revista Linguagem, em sua edição piloto - Linguagem e Tradução - trará um diálogo entre ambos os tipos de jornalismo: científico e cultural. Ao tratar do universo da tradução, da teoria à prática, a revista assume um caráter de divulgação científica, retirando o assunto de seu ambiente profissional e levando-o diretamente ao leitor de uma forma aprofundada, porém compreensível. Ao mesmo tempo, apresenta o caráter cultural ao falar sobre música, audiovisual, poesia (e transcrição) e até outras culturas. As propostas das reportagens que serão produzidas na revista serão explicadas em mais detalhes nos próximos tópicos:

#### 4.4 EM ALTA

Antes de produzir a revista, é preciso entender quais são os assuntos que estão em alta no meio da tradução: o que os tradutores consideram importante saber, se há algo diferente acontecendo no campo de atuação etc. Para isso, foram entrevistados tradutores que atuam há anos na área, preferencialmente que residam em Curitiba. Esse mapeamento de assuntos é importante tanto para compreender o meio da tradução e seus costumes quanto para saber o que é importante de ser retratado nas reportagens da revista.

Rodrigo García Lopes, tradutor Londrinense, assim como Rogério Galindo, afirmam que algo que é comum à maioria dos tradutores é a vontade de trazer ao português algo importante, ou ainda traduzir algo que já foi traduzido, mas com palavras diferentes. "Eu só traduzo aquilo que me instiga a recriar em português a



energia criativa do original, ou autores que julgo importante colocar para circular na corrente sanguínea nacional" (LOPES, 2021)<sup>2</sup>

Ele ainda acredita que a tradução pode ser uma porta de entrada para o mundo da escrita, tanto de prosa como poesia, afinal, nada melhor para aprender a escrever do que entender como outros autores o fazem: "Ezra Pound defendia a tradução como uma espécie de laboratório poético, um instrumento importante para o poeta iniciante". (LOPES, 2021)<sup>3</sup>

Outro aspecto importante da tradução que o autor destaca é que "a tradução é como um exercício de alteridade, uma prática que nos permite dialogar com outras eras e culturas" (Idem). Traduzir é como viajar para a realidade do autor, observando os aspectos da realidade em que ele vivia quando produziu a obra e conhecendo a história da obra em si, em que momento histórico se passa, se trata de ficção ou se é baseada em fatos. Sobre a tradução de poesia, ele afirma que "uma ambição de um bom tradutor de poesia é conseguir fazer a tradução de um trabalho parecer mais original que o próprio original, como se tivesse sido escrito primeiramente em sua língua". (Ibidem)

Por fim, Lopes (2021) defende que os tradutores também acabam se tornando autores, quando recriam um texto original em outra língua, e que esse processo (de tradução) pode acabar tomando tempo de sua carreira como autores propriamente ditos, isto é, deixam de escrever obras originais para traduzir outras já criadas. Além disso, ele acredita que tradutores de poesia devem, também, ser autores de poesia, pois somente assim teriam o domínio necessário de métrica, rima, escolas e estilos.

---

<sup>2</sup> Em entrevista concedida a autora em 14/10/2021.

<sup>3</sup> Em entrevista concedida a autora em 14/10/2021



## 5 PROCEDIMENTOS

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE ESCOLHIDA

Quatro anos depois do surgimento da imprensa no Brasil, em 1808, temos o primeiro esboço do que chamamos hoje de revista, num país ainda dominado pelo analfabetismo. “As Variedades ou Ensaios de Literatura” ainda sofria com a censura do governo da época, que só foi abolida em 1821, junto com o monopólio da imprensa pelo governo (COSTA, 2012, p. 44). Naquela época, ainda não havia uma definição clara do que era a revista, mas havia pelo menos a noção de que os jornais lidavam com as notícias imediatas, acontecimentos importantes de se saber quando acontecem, e “às revistas, estariam reservadas a informação em profundidade, a análise, a crítica, o entretenimento” (COSTA, 2012, p. 55).

A primeira revista do Brasil era por assinatura para garantir o funcionamento do espaço que a imprimia, e publicava artigos, histórias, novelas, poemas, entre outras obras. Eram revistas de, em média, 30 páginas, mas que tiveram apenas três publicações por conter uma linguagem muito complicada (COSTA, 2012, p. 56-58).

A segunda revista do Brasil, O Patriota, seguia a mesma lógica: publicar artigos, ensaios, análises, críticas, resenhas e histórias de diversas áreas do conhecimento, de certa forma reforçando a identidade nacional e tentando criar um público leitor entusiasmado com as publicações (COSTA, 2012, p. 61).

Atualmente, já se tem uma noção mais ampla e definida do que é uma revista, na prática. “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário” (VILAS BOAS, 1996, p. 09). Vilas Boas caracteriza o texto da revista como “elegante e sedutor”, trazendo uma mistura de técnicas jornalísticas e literárias para redigir um jornalismo de maior profundidade do que os noticiários diários.

Marcelo Freire (2013) apresenta algumas das características do estilo das revistas impressas na época em que surgiram, ajudando a definir o modelo que vemos hoje nas bancas. O autor aponta que as revistas constroem uma relação com um

público específico, trazendo leituras informais e mais rápidas do que se via nos livros da época, porém mais longas que as notícias do jornalismo diário. O conteúdo pode ser tanto informativo quanto de entretenimento e se mistura nas páginas das revistas com ilustrações e/ou fotografias. Freire comenta também que algumas características do jornalismo em geral podem ser vistas nas revistas: “Credibilidade, veracidade, ética e clareza são pressupostos para a delimitação deste perfil de produção” (FREIRE, 2013, p. 32). O autor ainda destaca a possibilidade de se ler uma revista em qualquer lugar, em qualquer ordem de páginas, e de se colecionar os exemplares.

Segundo Freire (2013, p. 35), “por apresentar uma periodicidade semanal, quinzenal ou mensal na maior parte das vezes, a revista se caracteriza como um espaço de análise, no qual o conteúdo já divulgado nos demais meios de comunicação não será simplesmente reproduzido”. Ou seja, surge nas revistas um espaço para debater assuntos com maior profundidade do que os jornais diários oferecem.

Na imprensa brasileira, podemos encontrar revistas com periodicidades totalmente diferentes. Vilas Boas (1996) estende sua fala sobre as revistas semanais, Costa (2012) apresenta revistas majoritariamente mensais, mas há relatos de revistas bimestrais, trimestrais, semestrais, e por aí vai. Freire (2013, p. 33) explica que um espaçamento maior entre publicações “[...] permite um ciclo de produção mais lento e cuidadoso” do que o jornalismo diário.

Freire (2013) explica a divisão das produções impressas em três tipos - informativo, interpretativo e opinativo. O primeiro se refere à produção de conteúdo que conhecemos como *hard news* - o jornalismo diário e imediatista. Um exemplo seria a divulgação de notícias. O segundo traz a noção de aprofundamento, com foco na fala dos entrevistados e numa representação mais ampla da informação, como acontece nas revistas. Por último, o jornalismo opinativo é auto-explicativo: se trata de textos que explicitam a opinião do jornalista. A produção jornalística de revista pode conter os dois últimos aspectos citados, e aprofundar as discussões sobre os temas encontrados nas *hard news*.

Ali (2009, citado por GIARRANTE, 2014) aponta três tipos de revistas: as de interesse geral, geralmente mais ligadas a notícias e entretenimento, as revistas

segmentadas por público, como as revistas infantis e as acadêmicas e, por último, revistas segmentadas por interesses, que possuem temas específicos.

Ana Carolina Giarrante (2014) destaca a relação próxima com o leitor como uma das características principais do jornalismo de revista, uma vez que esse tipo de produção traz nichos temáticos muito específicos, que interessam a um grupo também específico. “É como se houvesse uma espécie de contrato firmado entre ambos, no qual a publicação promete satisfazer necessidades e desejos [...] dos leitores, e esses, em contrapartida, após ter suas expectativas atendidas, juram fidelidade” (GIARRANTE, 2014, p. 108).

Lancaster (1995, p. 02 citado por Freire, 2013) apresenta as principais etapas do processo de publicar revistas eletrônicas: o uso de computadores; a criação de um modelo *online* que seja igual ao original impresso; a distribuição *online* do produto com valor agregado do modelo original; a criação de um produto que explore os recursos multimídia que o *online* oferece. Freire (2013) destaca que é importante diferenciar uma revista idêntica à impressa de uma revista digital propriamente dita, que pode conter muito mais recursos audiovisuais do que a versão original.

Para entrarmos na discussão sobre revistas virtuais, é importante destacar a diferença entre um produto *online* e um produto digital. Segundo Marcelo Freire (2013), uma revista *online* precisa estar hospedada em um site, e necessita de conexão com a internet para ser lida, enquanto revistas digitais precisam da internet para que seja feito o *download* do material, mas podem ser lidas *offline* em qualquer aparelho - tablet, celular, kindle etc. Uma das vantagens de escolher o modelo *online* é que o jornalista pode explorar o caráter multimídia que a internet proporciona, por exemplo, utilizando imagens interativas, áudios, vídeos, *hiperlinks*, o chamado *flip page* (animação que imita o folhear de uma revista), entre outros recursos.

O ambiente *online* permite ainda repassar a revista, divulgá-la e enviá-la para qualquer pessoa no mundo com apenas alguns cliques, enquanto a revista impressa necessita de um contato presencial com o leitor para ser distribuída.

Com o avanço das publicações jornalísticas *online*, surge o termo jornalismo digital ou *webjornalismo*, que acontece em quatro fases de acordo com Moherdaui (2007, citado por GIARRANTE, 2014, p. 113). A primeira seria a transposição das

produções impressas para o ambiente digital; na segunda, os repórteres começam a produzir materiais específicos para a internet, utilizando os vários recursos que o *online* proporciona; a terceira fase é caracterizada pela produção de conteúdo original e/ou exclusivo para o ambiente *online*, ocorre a convergência entre diferentes suportes e plataformas e o usuário passa a produzir conteúdo também; por fim, na quarta fase, surge o jornalismo de dados, produzido totalmente *online* utilizando bases de dados como a fonte principal das reportagens.

Scolari (2008) apresenta algumas das características fundamentais do *webjornalismo*: hipertextualidade, a organização não linear das informações; interatividade, ou seja, a interação do leitor com toda a interface do site onde está o produto, além da interação com o produto e com quem o produziu; digitalização do conteúdo originalmente impresso; multimídia, o uso de recursos como áudio, vídeo, imagens interativas etc.; reticularidade, a propagação do conteúdo de muitos usuários a muitos outros usuários, não há uma única fonte de produção de conteúdo; convergência de meios e linguagens.

Nesse sentido, a Revista Linguagem busca aliar as características do *webjornalismo* com o jornalismo de revista, este sendo naturalmente autônomo para se reinventar, principalmente no espaço *online*, além de seu hibridismo, ou seja, a mistura entre divulgação científica e jornalismo.

## 5.2 PROPOSTA DO PRODUTO

O nome do produto é Revista Linguagem, e o complemento será sempre o tema de cada edição. A proposta editorial da revista é a seguinte:

*Entendemos como linguagem um meio de comunicar ideias, sensações, pensamentos, seja por meio de palavras, gestos, imagens, sons etc. Essa comunicação, independentemente de como aconteça - numa conversa entre duas pessoas, ao assistir ao noticiário, ao ler uma revista ou livro - deve ser simples, mas ao mesmo tempo detalhada, para que o leitor tenha plena condição de entender o que está sendo comunicado e se interesse pelo assunto.*

*A Revista Linguagem surge a partir da noção de que certas discussões devem sair do ambiente acadêmico ou profissional, podendo ser levadas para o público em geral de uma maneira simplificada e atraente de se ler. Ao mesmo tempo, cumpre com o papel de checar os fatos por meio de fontes especialistas e pesquisas aprofundadas, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões e crie seus próprios questionamentos. A ética e os princípios jornalísticos - compromisso com a verdade, objetividade, respeito aos direitos humanos, imparcialidade - marcam sua presença em cada texto e imagem que produzimos.*

*Cada edição da revista trará uma temática diferente, tendo como base a linguagem como forma de comunicação de ideias, mas também como uma ferramenta de poder, como forma de opressão, como algo que transcende a língua que falamos, como um instrumento importante para entendermos o mundo. A periodicidade de publicação, trimestral, leva em consideração o tamanho reduzido da equipe, mas também a importância da checagem dos fatos e do aprofundamento do assunto para o leitor interessado.*

A primeira edição tem o nome de Linguagem e Tradução, e a segunda edição Linguagem e Perspectiva. Quanto à periodicidade, a revista será lançada a cada três meses, já que será produzida por uma pessoa só e trará reportagens e produções mais aprofundadas. Cada edição terá entre 15 e 20 páginas, tudo dependerá do tamanho de cada reportagem. Para se manter produzindo, a revista contará com patrocínio e/ou sistema de captação de *crowdfunding*.

A revista Linguagem será publicada *online*, para que sejam aproveitados os recursos disponíveis no ambiente digital, e contará também com versão impressa.

### 5.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO – O PILOTO AQUI APRESENTADO

A Revista Linguagem e Tradução foi produzida num total de quatro meses, desde a primeira entrevista até a diagramação e revisão final. Sua capa remete à escrita, etapa fundamental da tradução de um texto, e tem tons de marrom, que foram utilizados no interior da revista, como se pode ver na imagem a seguir:

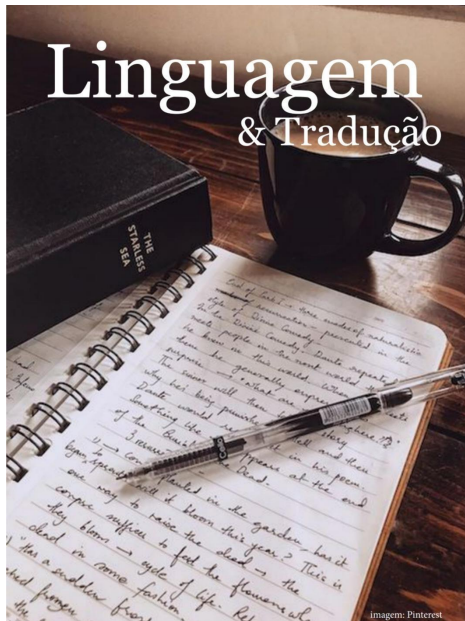


Figura 1: Capa da revista

Em relação às pautas, foram produzidas sete reportagens, uma entrevista ping-pong, um perfil e uma coluna de opinião, e as fontes foram escolhidas conforme o assunto. Nas reportagens foram abordados os seguintes temas:

- musicografia braille e como ela pode ser considerada uma forma de tradução, além de um meio de garantir acesso à cultura às pessoas cegas e deficientes visuais;
- o uso de aplicativos de ensino de línguas com um método que utiliza a tradução como base, a exemplo do Duolingo;
- Libras e como ela é uma forma complexa de tradução, e como é necessário ter mais produtos audiovisuais com intérpretes;
- a tradução de artigos acadêmicos brasileiros relacionados à Covid-19 por estudantes da UFPR;
- tradução da linguagem acadêmica para uma linguagem mais acessível aos estudantes;
- tradução de shows ao vivo para Libras como forma de garantir a acessibilidade à cultura;
- tradução social, apelido para a tradução direcionada para imigrantes, facilitando seu acesso a documentos, serviços de saúde, segurança, entre outros.



Foi priorizada durante a produção da revista a multiplicidade de vozes em relação às fontes, ou seja, foram escolhidas fontes não só profissionais no assunto, mas também pessoas que vivenciam os assuntos abordados em seu dia a dia. Todas as entrevistas foram realizadas *online* por motivos de segurança dos envolvidos durante a pandemia de Covid-19. Abaixo está representada a relação de fontes e sua respectiva importância para a pauta da qual participaram:

Quadro 1: Fontes ouvidas para a produção das pautas

| Nome                        | Ocupação ou relevância para a pauta  | Pauta para a qual deu entrevista                              |
|-----------------------------|--|---|
| Jonathan Franco Rocha       | Bacharel em composição musical pela UNESP e editor de musicografia braille   | Musicografia braille  |
| Filipe Oliveira             | Pianista com baixa visão   | Musicografia braille  |
| Alisson de Souza Alves Luiz | Integrante do Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR (Ncep)  | Chavoso da USP e Ncep   |
| Gláucia Brito               | Professora doutora titular no Departamento de comunicação Social e Pós-Graduação em Educação, e especialista no uso de tecnologias na educação | Duolingo - uso de aplicativos que usam a tradução como base   |
| Ronaldo Quirino da Silva    | Pedagogo pós-graduado em educação bilíngue Libras/Português  | Libras como forma complexa de tradução                        |
| Kelwen Fialho               | Tradutor Intérprete de Libras  | Tradução de <i>shows</i> ao vivo para Libras                  |
| Katia Balikian              | Mulher surda e professora de Libras  | Tradução de <i>shows</i> ao vivo para Libras                  |
| Ron Martinez                | Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) e diretor fundador do CAPA UFPR  | Tradução de artigos acadêmicos durante a pandemia de Covid-19 |

|                      |  |   |
|----------------------|--|---|
| Maria Gabriel        | Coordenadora do PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária) | Tradução social - tradução de conteúdos relevantes à imigrantes |
| Reinaldo José Lopes  | Tradutor das obras de Tolkien no Brasil                                | Entrevista com tradutor   |
| Rogério Galindo      | Jornalista e tradutor  | Perfil  |
| Caetano Galindo      | Tradutor, escritor e professor   | Perfil  |
| Rodrigo García Lopes | Poeta, tradutor, compositor, editor, professor e jornalista            | Opinião   |

Há ainda a letra completa e a tradução de uma música, que foi escolhida devido à complexidade da sua tradução, para mostrar que a tradução é muito mais do que uma simples transposição de uma língua para a outra, ela envolve uma interpretação do contexto e da língua, além de exigir conhecimento prévio de expressões populares.

**BTS - Trivia 承: Love**

*le this love*  
le this love  
Sometimes I don't  
remember things  
And I don't know  
what I love  
내 기억을 잃어버린 것 같아  
그걸 모르니까  
헤가 되고 나면 또 뭐야 (드림이)  
흔들려 지루해, 흔들려 고요  
나뉘어버린 울 울 울 울 울 울 울 울 울  
난 너의 기억을 추억으로 바꿀 사람  
사랑의 기억으로 바꿀 사람  
별 달기 전  
네 소중한 흔적, 직선이던 거야

*Chorus:*  
I love so I love  
I live so I love  
(I love & love, live & love)  
I live so I love  
I live so I love  
(I love & love, live & love)  
(If I's love, I will love you)

You make it to an O  
I to an O  
너 행복이 닿았어  
왜 사랑과 사랑이 비록은 소리가 나는가  
You make live to love  
I live so I love  
너 행복이 닿았어  
왜 사랑이 사랑을 하며 사랑이 하는지

17

*love & amare*(2)  
le, mais eu sei  
E, la, vivez cela  
Nas profissões letras, honra  
O que deve acontecer? Honra  
Uns nomes de palavras me rodam, mas  
Não se acham que se esquecem os seus cantos  
Eu sei amor  
Como a vida se torna para seguir o nó  
Como umha criança  
Como se deviam contemgar a se despir uma por uma  
Quando a invenção chega  
Você que temes minha lembranças em memória  
Que temes? Inamor, em amor?  
Amor de se conhecer  
Meu coração era somente uma folha seca

Eu sei só uma pessoa, pessoa, pessoa  
Você controla todos os meus cantos  
Você me mantém em amor  
Amor, amor, amor  
Somos pessoas, pessoas, pessoas  
Dentro dessas folhas está um fim  
Meu amor, amor, amor  
Case se sente em cima, se torna um coração\*\*

*Reflexão:*  
Eu vivo, logo amo  
Eu vivo, logo amo  
Viver e amar, viver e amar  
Viver e amar, viver e amar  
Eu vivo, logo amo  
Eu vivo, logo amo  
Se é amor, se vai amar você!

Você temes o I em um O  
I em um O  
Eu posso girar a wheel  
Por que? 'Inamor' 'Amor'  
Somos não amamos  
Você ganha a vida por um amor  
Vida por um amor  
Eu posso girar a wheel  
Por que pessoas precisam continuar vivendo

*Esqueto amam*  
Embora a distância entre I e U seja longa\*\*  
F\*\*\* se BCLINDOPQRST  
Eu creio todos os tempos a chegar até você  
Ola, amor e 'love' também amam pessoas  
Embora não sabe como em você,  
Eu gostaria de ser parte do seu amor  
Como se amasse

Eu sou só uma pessoa, pessoa, pessoa  
Você controla todos os meus cantos  
Você se transforma em  
Amor, amor, amor  
Somos pessoas, pessoas, pessoas  
Dentro dessas folhas está um fim  
Meu amor, amor, amor  
Case se sente em cima, se torna um coração

*(efêto)*  
Como seria se eu fosse amado?  
Se eu fosse, você ficaria triste?  
Se não fosse eu, o que tu seria?  
Sai que você, também, eventualmente me deixaria

Vemo, vemo, vemo que lentamente passa  
(Eu só posso esperar que não seja o caso)  
Passa, passa, passa que lentamente passa  
(Eu só posso esperar que não seja o caso)  
Meu amor é amor, amor, amor\*\*  
(Dentro da minha cabeça, tudo está colado de amor)  
O quanto se é amor, o quanto, quanto  
O quanto, quanto, quanto

*18*

Figura 2: Música traduzida

Outro detalhe importante é que foi priorizado o texto: há 13 imagens na revista, sendo que há reportagens sem fotos. Isso se deve ao fato de que, para inserir imagens, seria necessário cortar parte do texto em certas matérias, e, nestes casos, o texto foi considerado mais importante.

A mudança de cor no meio da revista é proposital, e leva em conta os dois tons de marrom presentes na capa: um mais claro e outro mais escuro. A disposição das

reportagens foi feita de forma aleatória, não houve um critério de organização. A revista em sua forma online pode ser encontrada no seguinte link: <https://sallesana99.wixsite.com/revista-linguagem>

### 5.3 PROPOSTAS SEMELHANTES

Antes da criação de qualquer produto, é necessário mapear no mercado se há produções semelhantes, tanto para que o tema não se torne repetitivo quanto para que seja relevante e desejável para o consumidor. Numa pesquisa extensa, foram mapeadas as seguintes revistas com uma temática parecida:

Cadernos de Tradução - periódico onde são publicados artigos e resultados de pesquisas no campo dos estudos da tradução no Brasil. Publica também entrevistas e resenhas relativos à análise, teoria e história da tradução<sup>4</sup>.

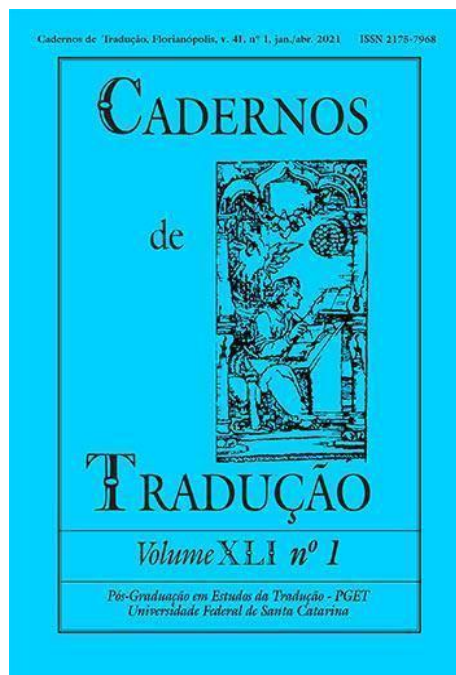


Figura 3: capa da revista Cadernos de Tradução

<sup>4</sup> Link para acesso: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/3100>.

Caleidoscópico: literatura e tradução - revista que publica traduções, entrevistas, artigos, resenhas de livros e de traduções, além de peças artísticas (poemas, contos, imagens, fotografias, auto traduções).<sup>5</sup>



Figura 4: capa da revista Caleidoscópico

Nota do Tradutor - publica traduções de textos como poesias, contos, ensaios e outras produções importantes para a história da tradução.<sup>6</sup>

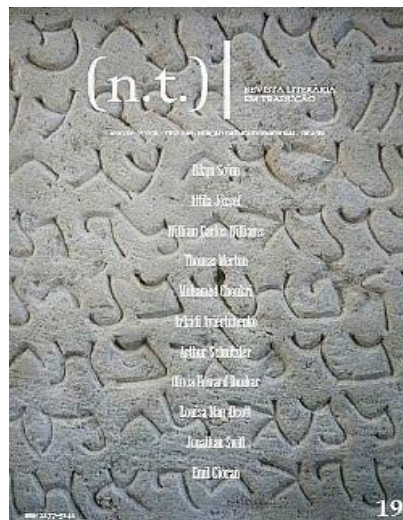


Figura 5: capa da revista Nota do Tradutor

<sup>5</sup> Link para acesso: <https://periodicos.unb.br/index.php/caleidoscopio/issue/view/2163>.

<sup>6</sup> Link para acesso: <http://www.notadotradutor.com/edicoes.html>.

Tradução em Revista - periódico onde são publicados dossiês temáticos ou não, contendo artigos traduzidos, resenhas de traduções, entrevistas com profissionais e pesquisadores da área da tradução e contribuições originais e inéditas em diversas línguas, relacionadas aos estudos da tradução e da interpretação.<sup>7</sup>



Figura 6: capa da revista Tradução em Revista

Translatio - revista que divulga projetos de pesquisa na área da tradução, artigos e outros trabalhos sobre o processo de tradução, e resenhas críticas de textos literários e/ou teórico-críticos na área de pesquisa. É instrumento de divulgação científica.<sup>8</sup>



Figura 7: capa da revista Translatio

<sup>7</sup> Link para acesso: <http://www.periodicosmaxwell.vrac.puc-rio.br/index.php/TREV/about>.

<sup>8</sup> Link para acesso: <https://seer.ufrgs.br/translatio/index>.

Cadernos de Literatura em Tradução - contém literatura em tradução, principalmente poesia e ficção curta com comentários, além de entrevistas com tradutores e resenhas de traduções já publicadas.<sup>9</sup>

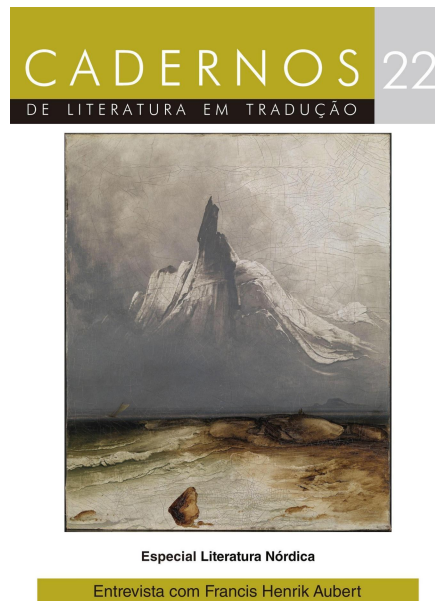


Figura 8: capa da revista Cadernos de Literatura em Tradução

Transversal - divulga resultados de pesquisas, práticas de traduções e obras que reflitam sobre a área de estudo da tradução em suas vertentes teórico metodológicas.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Link para acesso: <https://www.revistas.usp.br/clt>.

<sup>10</sup> Link para acesso: <http://periodicos.ufc.br/transversal>.



Figura 9: capa da revista Transversal

Revista Confluências - revista de tradução científica e técnica, publica artigos relacionados à área.<sup>11</sup>

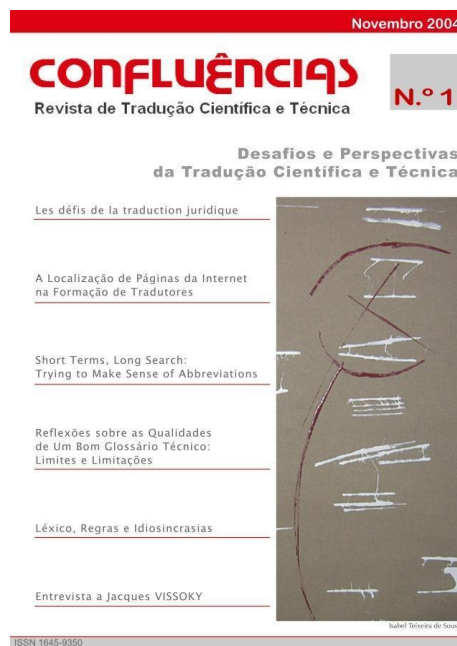


Figura 10: capa da revista Confluências

<sup>11</sup> Link para acesso: <https://pt.slideshare.net/rosariodurao/confluencias>.

Ponto Virgulina - revista de tradução literária em formato de blog.<sup>12</sup>

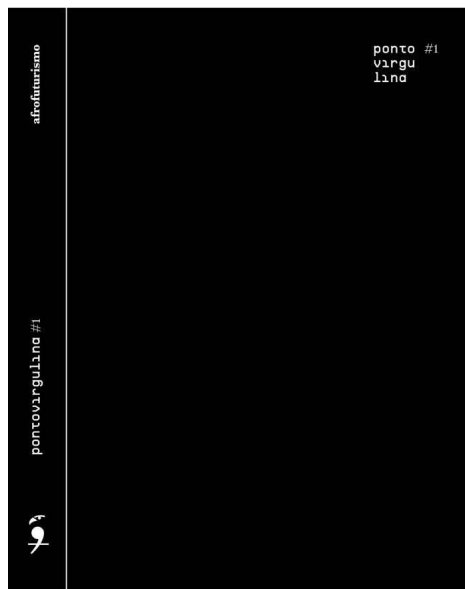


Figura 11: capa da revista Ponto Virgulina

Tradução e Comunicação - periódico com foco acadêmico e científico na área de tradução e comunicação. Destinada a tradutores e estudiosos da área.<sup>13</sup>



Figura 12: capa da revista Tradução e Comunicação

<sup>12</sup> Link para acesso: <https://traducaoliteraria.wordpress.com>.

<sup>13</sup> Link para acesso: <https://diretorio.rcaap.pt/handle/1/278>.



Cultura e Tradução - publica textos de participantes dos eventos promovidos pelo Programa de Pós-graduação e Letras da UFPB.<sup>14</sup>



Figura 13: capa da revista Cultura e Tradução

Pelo mapeamento, é possível perceber que as principais revistas com o tema tradução no Brasil são destinadas à publicação de artigos acadêmicos, traduzidos ou não, e as revistas que não publicam artigos são voltadas para a divulgação, principalmente, de produções literárias traduzidas, como poemas, ficção e contos. Aqui se reforça a justificativa de que a revista Linguagem, em sua edição sobre tradução, é importante como instrumento de divulgação científica, uma vez que as principais revistas sobre o tema são voltadas para os acadêmicos, pesquisadores e profissionais da área, e não para o público em geral, que pode se interessar pelo universo da tradução.

---

<sup>14</sup> Link para acesso: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever as considerações finais é, de certa forma, triste, pois é o fim de uma etapa muito importante, que é a produção de um TCC. Ao mesmo tempo, também é aliviante e gratificante saber que um trabalho tão importante rendeu um produto como a Revista Linguagem. Foram tempos difíceis, realizar todas as entrevistas em meio à pandemia de Covid-19, contar com a colaboração de todas as fontes que, muitas vezes, não responderam, fazer o trabalho por conta própria mesmo sendo uma revista relativamente grande - o maior desafio que essa produção trouxe.

Foram muitos os aprendizados, conhecimentos adquiridos, experiências proporcionadas. Foi possível entender mais sobre o universo de cada uma das pautas produzidas (uma das melhores partes do jornalismo enquanto profissão), entrar em contato com pessoas incríveis e escrever sobre assuntos tão importantes e pertinentes.

Além disso, houve a oportunidade de experimentar a produção de um gênero jornalístico que foi abordado apenas uma vez ao longo do curso: o jornalismo de revista, assim como a diagramação, que também não teve muito espaço dentro da formação.

Este Trabalho de Conclusão de Curso com certeza foi um incentivo para o futuro da minha carreira, principalmente pela possibilidade de praticar a redação jornalística, fato que se repetirá ao longo do tempo enquanto jornalista. Além disso, será importante ter uma produção como essa no currículo, pois mostra a dedicação de fazer tal trabalho por conta própria, o empenho em escrever os textos pensando em cada detalhe. Por fim, esse trabalho me incentivou a procurar mais sobre tradução e possivelmente iniciar uma carreira como tradutora.

Para o futuro, quem sabe poderá ser produzida a segunda edição da Revista Linguagem, que tratará de assuntos igualmente importantes, mas a intenção é de seguir no papel de jornalista, seja na parte de redação, diagramação ou edição, e, posteriormente, começar a traduzir. A questão é por onde começar. Livros? Artigos? Tradução solidária? Legendagem? Nunca se sabe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico e democratização do conhecimento**. Portal do jornalismo científico, 2007. Disponível em [http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo27.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo27.php). Acesso em: 22/04/2021

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo: USP, 2007.

FARO, José Salvador. **Reflexão sobre sua importância e seus desafios**. Observatório da Imprensa: Jornal de Debates edição 698, 2012. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed698-reflexao-sobre-sua-importancia-e-seus-desafios/> Acesso em: 15/04/2021

FREIRE, Marcelo. **DO ARMAZÉM À AMAZON**: uma proposta de tipologia das revistas digitais através dos gêneros jornalísticos. *Jornalismo de revista em redes digitais* / Graciela Natansohn, EDUFBA, 2013, p. 29-58.

GESSNER, Ricardo. **Transcrição, transconceituação e poesia**. Cad. Trad., Florianópolis, v. 36, nº 2, p. 142-162, maio-agosto/2016

GIARRANTE, Ana Carolina. **Revistas em plataformas digitais**: investigações sobre modelos de negócios e práticas jornalísticas / Ana Carolina Giarrante. UMESP, 2014.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Editora Cultrix, São Paulo - Edição 24, 2007. Traduzido por Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.

LEVÝ, Jiří; **A tradução como um processo de tomada de decisão**. Tradução de Gustavo Althoff e Cristiane Vidal. Scientia Traductionis n.11, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2012n11p72> Acesso em: 10/04/2021

NASCIMENTO, Vinícius; MARTINS, Vanessa R. O.; SEGALA, Rimar R. **Tradução, criação e poesia**: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Domínios de Lingu@gem | Uberlândia | vol. 11, n. 5, p. 1850-1874 | Dez. 2017.

OLIVEIRA, Fabiola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Cristina Carneiro; **Tradução e diferença** / Cristina Carneiro. - São Paulo: Editora UNESP, 2000. - (Coleção Prismas; PROPP).

ROSE, Angeli. **Jornalismo cultural**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2017.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**. Editorial Gedisa S.A., Barcelona, 2008. Tradução nossa.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine; o texto em revista.** / Sérgio Vilas Boas. - São Paulo: Summus, 1996 - (Coleção novas buscas em comunicação; v. 52).